

## Resenhas

MACEDO, Helder.

*Partes d'África.*

Lisboa: Presença, 1991.

Helder Macedo, professor de Letras no King's College, em Londres, onde detém a cátedra Camões, ensaísta notável, poeta sensível e original, faz sua primeira incursão num gênero híbrido e dificilmente rotulável. É ele mesmo que assume a ambiguidade da classificação: "Se este livro fosse uma autobiografia ou um romance a fingir que não (...)" (p.29) e poder-se-ia acrescentar: ou um livro de memórias.

Na verdade, há no livro um amálgama de tudo isso, e mais a transcrição (?) de um relatório do pai do autor, de parte de um "drama jocoso de Luis Garcia de Medeiros, personagem deste seu (de H. Macedo) romance e a reprodução *ipsis litteris* de uma bela comunicação apresentada no XIII Encontro de Professores Brasileiros de Literatura Portuguesa, na UFRJ. E há ainda dois textos em verso: um, atribuído ao Medeiros e outro, bellissimo, da lavra confessa do autor.

Disse *autor* e assim o desigmo com o aval de Helder Macedo, que dá ao primeiro capítulo um título narrativo: Cap. I - "Em que o autor se dissocia de si próprio e desdiz o

propósito do seu livro". Adiante, menciona o narrador, atribuindo a este doze anos da sua própria vida. Trata-se, como dizia J. do Prado Coelho em referência a Camilo, de um narrador-autor, aqui um tanto mais complicado já que, autor confesso do discurso, é-o só em parte da(s) estória(s) (muitos dos episódios são, pelo menos parcialmente, biográficos e/ou históricos); dobra-se sobre os eventos que narra, e também sobre o texto em que são narrados; finalmente, é ele mesmo personagem centralizador dos outros, chamados todos à narrativa pela relação que com ele têm ou estabelecem. Em primeiro lugar, a família, constante da "galeria das sombras" da casa do pai, e, entrando a fazer parte dela, a mulher que conheceu em Joanesburgo e que, mal disfarçada atrás de um S., une-se ao autor no "mais interessante e misterioso episódio de amor que foi contado ou cantado".

Tendo-se apresentado, desde o início, como autor, o também narrador enumera as circunstâncias que lhe propiciarão a criação do livro, num presente contínuo - o tempo de férias sabáticas em Sintra, em que se dispõe a escrever, embora saiba que "nunca ninguém voltou a existir por escrever nem por ser escrito, mas há sombras que a memória pode imaginar nos mapas entreabertos. Os mapas já se mudaram, trocados por outros nomes dos sítios e mantidos os nomes dos sítios mudados. Poderá assim mudar também os nomes daqueles que nesses

sítios existiam. (...) atando as pontas das várias vidas reais e imaginadas com os nós verdadeiros dos laços fingidos".

Começa-se a perceber o jogo que o autor jogará conosco e com nossa prazerosa convivência. Acelta-se o seu estilo "obliquo e dissimulado", com que diz "alhos para significar bugalhos", pois não são coisas diferentes, mas "reflexos diferentes da mesma coisa". Arma seu livro como um mosaico, cujas peças os leitores terão de encaixar, certos de que as peças ficarão "sempre no lugar certo".

Essas peças são bastante diversas entre si, pois o livro é composto: narração de acontecimentos, reflexão sobre os mesmos, autocrítica do narrador, tomadas de posição ante os fatos e ante o texto. Três capítulos inteiros são o segundo ato do drama jocoso, já citado; enquanto simula transcrevê-lo (escolimado dos erros ortográficos), o "não-autor" interpela o "autor" e, retomada a face de autor, completa o que não ficou dito no texto transcrito.

Dois capítulos merecem destaque especial: o primeiro e o último, que se podem considerar como dois braços a cingir o texto. Seus títulos são semelhantes: no primeiro, o autor "se dissocia de si próprio" e "desdiz o propósito do seu livro"; no último, "se despede de si próprio" e "reafirma o propósito do seu livro". Em ambos é forte a figura do pai, cuja morte é mencionada no primeiro; no último, é o seu

enterro que é descrito pelo filho, a simular uma frieza de observador não contaminado pela emoção. A simular, repito, e vejamos por quê: o autor, que assumiu ao longo dos anos e do livro uma posição antagônica à do pai, ainda revela, quase ao fim, que lhe enviara o texto de sua lição inaugural da Cátedra Camões (que o pai não chegaria a ler), como uma provocação que só os dois poderiam entender como um "retomar público e supostamente magistral das (suas) irresolvidas discussões privadas de antigamente". Esta, a confissão assumida pelo autor.

Não inteiramente assumida, mas, por isso mesmo, mais expressiva do sentimento profundo que nutria pelo pai, e cuja intensidade talvez ignorasse, ou fingisse ignorar, a recalca-la sob o choque de opiniões, é a confissão em "velhas redondilhas menores atribuídas a um cantar romance que desse tempo ficou". E, em trinta e um versos cheios de emoção, o poeta começa por confessar: "Fiquel com a vida / que sobrou de ti", para concluir: "é a terra apressada / sobre ti e mim".

O livro está a acabar. Uma espécie de remorso de só ter deixado transparecer uma parte das relações entre ambos e a retomada da sua função de autor-narrador estendem o texto por mais três linhas: "Depois, por anos, como nenhuma coisa é encoberta ao longo do tempo, se soube melhor a história dele e juntamente a minha. E foi desta maneira:"

Segue-se uma linha pontilhada. E a história fica em suspenso. Mais um truque deste autor-narrador que, mais uma vez, se reafirma como tal, dobrado sobre o texto e sobre os eventos, produzindo um romance(?), memória(?), autobiografia(?), também dobrados sobre si.

Cleonice Berardinelli

**FERNANDO PESSOA: *Poemas de Álvaro de Campos*. Volume da Série Menor da Edição Crítica de Fernando Pessoa. Edição de Cleonice Berardinelli. Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1992.**

Impossível, parece-me, estudar e falar de Álvaro de Campos daqui para frente sem a consulta a esta edição de seus poemas. Mesmo os que dispõem das publicações similares da Ática ou da Agullar, serão obrigados a confrontar os textos familiares com estas novas propostas feitas com rigor e espírito crítico por uma estudiosa do vulto de Cleonice Berardinelli; além de poder tomar contacto com uma quantidade apreciável de poemas inéditos.

A 15 de Outubro de 1990 foi lançado em Lisboa o volume dos *Poemas de Álvaro de Campos* edição da Profa. Cleonice Berardinelli e publicação da Imprensa Nacional / Casa da Moeda na Série Maior da

Edição Crítica de Fernando Pessoa. Naquele mesmo ano, Teresa Rita Lopes publicava o seu *Vida e Obras do Engenheiro*, também dedicado à criação poética de Álvaro de Campos. Além dos poemas reconhecidamente de Álvaro de Campos, trazia inéditos por ela identificados e ausentes da edição da Imprensa Nacional.

Agora em 1992, a Imprensa Nacional / Casa da Moeda deu início à edição da Série Menor com o livro preparado por Cleonice Berardinelli. Além dos poemas reconhecidamente do Engenheiro, esta edição traz os doze inéditos primeiramente divulgados por Teresa Rita Lopes, e mais outros 28 encontrados recentemente pela estudiosa brasileira. Note-se que a leitura de Cleonice Berardinelli nem sempre coincide com a de Teresa Rita Lopes, nos textos comuns às duas edições.

Tudo isso vem claramente explicado na Introdução do presente volume. Incontestável pois a superioridade do livro da Série Menor, sobre o anterior da Série Maior, ambos editados sob a responsabilidade da professora brasileira. Outras diferenças assinalam as duas edições, de 1990 e 1992. Assim se expressou a tal respeito Ivo Castro, na Nota sobre a edição de 1992: "O texto dos poemas é, assim, um texto crítico, obtido a partir das últimas redações introduzidas pelo poeta nos seus manuscritos. A principal diferença entre ambos os volumes é a ausência, neste, dos extensos comentários e